ESCREVIVÊNCIAS DE (AUTO)AMOR NA POESIA DE AUTORIA NEGRA DISSIDENTE EM GÊNERO E SEXUALIDADE

WRITING-LIVING (SELF)LOVE IN THE POETRY OF QUEER BLACK AUTHORS

Pedro Ivo Silva[1]
Luciana Borges[2]

1 Doutorando em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT).
2 Doutora em Letras-Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (2009).

Resumo: Este artigo tem por objetivo interpretar sentidos narrativos da poesia produzida por autoras/es negras/os/es dissidentes em gênero e sexualidade. As discussões propostas tomam por base os conceitos de *escrevivência* (Evaristo, 2011; 2022) e de *cuírlombismo* (Nascimento, 2019) nas análises de dois poemas e de narrativas (auto)biográficas de suas autoras. Compreende-se que a produção poética de autoria negra *cuírlombista* tem-se pautado na potência e agência de vivências subalternizadas como direito ao vislumbre *afrofuturista* e ao devaneio, contrapondo-se à hegemonia temática da dor, da luta e da renúncia, bem como de seu viés *cis-heterossexista*, (re)criando *escrevivências poéticas de (auto)amor*.

Palavras-chave: Escrevivência, poesia, autoria negra, dissidência, cuírlombismo.

Abstract: This article aims to interpret the narrative meanings of poetry produced by dissident black authors in terms of gender and sexuality. The proposed discussions are based on the literary concepts of *writing-living* (Evaristo, 2011; 2022) and *cuirlombism* (Nascimento, 2019) in the analyzes of two poems and (auto)biographical narratives of the authors. The poetic production of queer black authorship has been based on the power and agency of subalternized experiences as a right to an *Afrofuturist* glimpse and reverie opposing the *cis-heterosexist* hegemony thems, and others like pain, struggle and renunciation, in order to constitute *writing-living poetics of (self)love*.

Keywords: Writing-living, poetry, black authorship, dissidency, cuirlombism.

1 Primeiros versos de um caminho narrativo

O estudo aqui proposto[3] toma por base uma abordagem interpretativa da pesquisa qualitativa (Moreira, 2004) e tem por objetivo desvelar sentidos narrativos da poesia produzida e publicada contemporaneamente – de maneira autoral ou por intermédio de pequenas editoras – por escritoras/es brasileiras/os/es negras/os/es lésbicas, bissexuais, travestis, trans, *queer* e intersexo (LGBTQI), englobando ainda outras dissidências sexuais e/ou de gênero[4]. Tais sentidos parecem apresentar um viés temático que busca ir além da denúncia do sofrimento ou da dor, direcionando-se, outrossim, a perspectivas de (auto)amor.

Para a confirmação dessa hipótese, a composição do *corpus* da pesquisa se deu pelos poemas: "FEMI", de Beatriz Aqualtune, do livro *oju oiyn okan iná* (2018), e "diz/faço qualquer trabalho, y m/eu amor todo dia", de tatiana nascimento[5], do livro *lundu,* (2016), ambas autoras publicadas pela *padê*

3 Este artigo foi elaborado com base na pesquisa em desenvolvimento do doutorando Pedro Ivo Silva, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Borges, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), com financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

4 Atualmente há um movimento político-ativista mundial de ampliação dessa sigla representativa para LGBTQIAPN+ (incluindo pessoas assexuais, pansexuais, não binárias e outras denominações identitárias).

5 A autora grafa seu nome em letras minúsculas na assinatura de seus trabalhos e optamos por respeitar essa forma ao longo do texto, assim como também o fazemos em relação à grafia do nome da pesquisadora bell hooks nas citações, pelo mesmo motivo.

editorial[6]. No sentido de ampliar o estudo, incluímos no *corpus* as narrativas (auto)biográficas (Moreira, 2004) das autoras acerca de seus processos de escrita, as quais encontram-se publicadas como relatos em seus trabalhos literários e são referenciadas neste texto. Dito isso, nossa análise interpretativa tomou como base as construções textuais e temáticas emergentes dos poemas, em associação às referidas narrativas.

No esteio da produção teórica da pesquisadora e escritora bell hooks (1952-2021), iniciamos este trabalho refletindo sobre o antiamor como base de uma cultura de dominação e a forma como o histórico de luta social de movimentos negros nos Estados Unidos não foi capaz de "[...] integrar plenamente a ética do amor numa visão de descolonização política que fornecesse um plano para a erradicação do auto-ódio negro"[7] (hooks, 2006, p. 245, tradução nossa). Para a autora, se tal integração tivesse ocorrido, a desesperança sobre o futuro poderia ser coletivamente acolhida em espaços de erradicação da dor e superação do sofrimento em vislumbres mais positivos, o que instiga movimen-

6 Fundada em 2015, em Brasília-DF, por tatiana nascimento e Bárbara Esmênia, tem por missão "conhecer y difundir mais 'autoras negras y/ou lgbtqi'" (nascimento, 2018, p. 7). O projeto estético e político de editoração da *padê* utiliza a escrita do seu nome e de seus títulos publicados com letras minúsculas (Pereira; Coutinho, 2021), de forma que optamos por manter essa escolha editorial ao longo do texto.

7 *[...] fully integrate the love ethic into a vision of political decolonization that would provide a blueprint for the eradication of black self-hatred.* (hooks, 2006, p. 245)

tos negros de qualquer parte do mundo a refletir sobre o lugar de uma ética do amor em suas lutas.

No que tange ao campo literário, a reflexão de hooks dialoga com as teorizações da ensaísta e poeta Audre Lorde (1934-1992), que evidencia seu lugar de fala (Ribeiro, 2017) como mulher negra e lésbica para refletir sobre a poesia como espaço capaz de acolher a dor não partilhada, essa desesperança sobre a luta pela libertação das amarras coloniais colocadas sobre existências negras individuais e coletivas. Para a autora, a poesia "forma a qualidade da luz dentro da qual predizemos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tangível"[8] (Lorde, 2007, p. 37, tradução nossa). Lorde assevera assim que essa seria a linguagem revolucionária para a implementação daquela liberdade.

Ao refletirmos conceitual e interpretativamente sobre essas teorizações, refletiremos também sobre os sentidos narrativos presentes nos poemas selecionados e nos relatos das autoras, uma vez que descrevem, contam e (res)significam histórias de vida negras na dissidência de gênero e sexualidade. Nesse sentido, buscamos confirmar que a poesia é também narrativa e verossímil, ainda que

8 *It forms the quality of the light within which we predicate our hopes and dreams toward survival and change, first made into language, then into idea, then into more tangible action* (Lorde, 2007, p. 37).

imagética, metafórica e/ou fictícia, como fundamentaremos adiante.

2 A poesia que narra histórias de vida em (auto)amor

A poesia como forma de narrar o mundo está nos primórdios da oralidade e da escrita humanas. De acordo com Cairns (1972, p. 34), professor e pesquisador do Departamento de Clássicos, da *Florida State University*, a antiguidade clássica europeia já havia entendido essa narrativa como literatura, "[...] que nas primeiras sociedades significa poesia"[9], uma vez que era voltada para situações cotidianas, sendo o tipo de produção literária básica. Mais distante, no continente africano, a poesia também se encontrava na vida cotidiana de suas primeiras sociedades, em modos de vida ancestrais, por meio de saberes que foram passados de geração em geração de forma oral antes do/mesmo durante o domínio da escrita em diversas sociedades pelo mundo.

Um exemplo disso são os *itans* de *odus*, histórias tradicionais/mitos de *Ifá* – o sistema divinatório dos povos iorubá –, que resistem culturalmente até os dias atuais. Construídas em versos e passadas de forma oral – hoje também escrita – "essas tradições são os nossos únicos meios de saber qual-

9 *[...] which in early society means poetry* (Cairns, 1972, p. 34).

quer coisa de sua teogonia e cosmogonia, o que eles pensam e no que acreditam" (Beniste, 1997, p. 19-20). É interessante pensarmos sobre como tais histórias tradicionais narradas em poesia dialogam com a produção poética de autoria negra contemporânea, por exemplo, a partir do que observa a poeta e pesquisadora negra e lésbica Cheryl Clarke, para quem a poesia tem sido "grande professora da conscientização, da história e do amor-próprio aos povos pretos" (Clarke, 2006, p. 140). Isso pode ser evidenciado em seu trabalho literário, tanto poético como teórico-crítico, uma vez que a autora é capaz de fundir o político e o pessoal com uma ampla visão histórica e da cultura contemporânea, abordando ainda questões polêmicas sobre raça e sexualidade em temáticas feministas, negras, lésbicas e eróticas de maneira interdependente.

Essa disposição reflexiva da obra de Clarke corrobora a importância das experiências de vida das pessoas negras de forma ancestral e atual, o que se confirma ainda em diversas/os/es pensadoras/es negras/os/es que refletem sobre suas vivências e sua produção literária e/ou teórico-crítica, a exemplo de Lorde (2007), em seu artigo "Poesia não é luxo", ou hooks (2021), em seu livro "Tudo sobre o amor: novas perspectivas". Neste último, a autora apresenta momentos de autorreflexão e escrita de si para uma análise crítica sobre o amor e sua in-

fluência contemporânea, inclusive sobre o cinismo com que tratava essa temática em sua poesia.

Segundo a escritora, em uma cultura machista em que mulheres não teriam nada de relevante a escrever sobre o amor, suas "tentativas adultas de escrever poemas de amor eram piegas e patéticas" (hooks, 2021, p. 36), de forma que a morte se tornou tema principal de sua poesia. Mais tarde, especialmente diante da morte de vários amigos e de sua experiência com o câncer que a afligia, a autora dá uma guinada temática em seu trabalho crítico e reconsidera seu ponto de vista: "[...] assim como muitos homens e mulheres, quero saber o significado do amor além do reino da fantasia – além do que imaginamos que possa acontecer. Quero conhecer as verdades do amor conforme as vivemos" (hooks, 2021, p. 39).

Para uma análise interpretativa capaz de evidenciar essas teorizações, introduziremos a poeta Beatriz Fernandes Aqualtune. Na apresentação do livro *oju oiyn okan iná*[10], a autora se autodefine como "preta, gorda, sapatão e macumbeira" (Aqualtune, 2018, p. 7), caracterização identitária que permeia sua escrita em diversos momentos. Deste livro extraímos o poema "FEMI" (Tab. 1) a seguir:

10 Tradução do iorubá: *Olhos de mel, coração de fogo*.

[do amor em egípcio] que eu ressignifico para o amor recíproco. antigo ato de amar que tento inovar, adaptar às novas constelações relacionais. também já li que é dengo, coisa de preto, já que não nos é permitido viver de romancê com cara de europê, falando bantuguês no meio de um auê que é entender que para além do tesão eu quero mesmo é; eu quero amar, também aceito dengar, tenho muita estima ao hábito de cuidar e olhar tão de perto os olhos, que os cílios fazem cosquinha provocando um gargalhar. ultrapassa o romântico, é compartilhamento de banzo e reconhecimento de ancestralidade. reescrever linhas de um itan, reconhecer a sacralidade que há em mim e você.

Tab. 1 – poema "FEMI". (Aqualtune, 2018, p. 27)

Também selecionamos um trecho da narrativa (auto)biográfica da autora presente na apresentação do livro, com vistas a realizar sua análise em correlação com o poema escolhido:

> Lembro-me até hoje da primeira vez que tive contato com os escritos de Conceição Evaristo; no prefácio, eu acho, estava escrito "Cada mulher negra tem uma forma de estar no mundo". Contudo, eu não sabia como estava no mundo. [...] Conversando com meninas-mulheres negras, elas me perguntavam sobre escrita. Estava nervosa. [...] Pensei em Amor. Minha forma de estar no mundo é com amor. [...] Nesse dia eu me percebi nas escritas. Me vi poeta (Aqualtune, 2018, p. 7).

Ao associarmos o poema com o relato da autora, os indícios de uma narrativa de (auto)amor ficam mais evidentes. Nos versos iniciais do poema – "[do

amor em egípcio] que eu ressignifico para o amor recíproco."; "antigo ato de amar que tento inovar, adaptar às novas constelações relacionais." – a voz de Aqualtune surge com o *eu* explícito no texto, que faz do amor sua busca ancestral (*femi* significa amor em egípcio antigo), com vistas ao resgate e reelaboração de seu conceito de forma atual. Esse início de poema evidencia uma correlação com o trecho do relato acima, quando a poeta afirma o sentido de sua existência: "Pensei em Amor. Minha forma de estar no mundo é com amor. [...] Nesse dia eu me percebi nas escritas. Me vi poeta".

Para Aqualtune, estar no mundo como poeta é, de forma ancestral e atual, estar/existir com amor. Esse sentido narrativo também aparece no fechamento do poema, em que a poeta afirma sua existência pelo reconhecimento ancestral e dialógico: "reescrever linhas de um itan, reconhecer a sacralidade que há em mim e você". Nesses versos, a autora *não só evidencia a tradição cultural/literária da poesia dos itans*, em um vislumbre *pré-atlântico*, de vivências ancestrais africanas, como também busca um sentido *pós-atlântico*, em referência à atualidade da diáspora negra (Nascimento, 2019).

Esse caminho narrativo vai sendo traçado com o desenvolvimento temático de cada verso ao longo do texto e aparece como reconhecimento da ancestralidade negra inscrita em si, no outro, no coletivo.

Sua (re)escrita inscreve-se na contemporaneidade diaspórica pelo afeto capaz de traçar uma *escrevivência poética*, sentido que parece emergir no cruzamento entre o poema e seu relato (auto)biográfico.

O conceito de *escrevivência* foi trazido ao campo literário pela pesquisadora e escritora Conceição Evaristo, a qual relata sua experiência em ouvir histórias de vida de mulheres negras e as representar em sua escrita (Evaristo, 2011). Durante a mesa inaugural da Cátedra Olavo Setubal, assumida por Conceição Evaristo na Universidade de São Paulo (USP)[11], intitulada *Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença* e transmitida on-line em outubro de 2022, a escritora enfatizou que o cerne do conceito está nos relatos e histórias vividas, criadas, contadas e escritas por mulheres negras, portanto sobre suas experiências interseccionais entre gênero e raça, em um processo histórico de constituição de sua negritude afro-diaspórica.

Abaixo encontra-se a transcrição de um trecho da explanação da autora durante o evento:

> A compreensão do conceito de escrevivência, a nossa proposta de conceituação, apesar de o conceito estar sendo apropriado das mais diversas formas de interpretação, [...] o ponto nuclear [...] da ideia é que ele traz a força motriz de mulheres negras escravizadas que nos antecederam.

11 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n5_akbk1IsM&t=1995s. Acesso em: 5 fev. 2023.

> Então, a força da ideia de escrevivência não está somente no sentido de aglutinação da palavra (*sic*) escrever e viver [...], mas está na genealogia da ideia, como nasce a ideia, de que lugar social nasce essa ideia. Essa ideia está ligada a qual experiência étnica? Essa ideia está ligada a qual experiência de gênero? (Evaristo, 2022).

Em outro seminário on-line, transmitido em novembro de 2020 e intitulado *A escrevivência de Conceição Evaristo*[12], a autora já afirmava que se deve compreender o ponto originário do conceito de *escrevivência* – que são as vidas e as memórias de mulheres negras na diáspora – para ampliá-lo pelas mãos, pelas vidas e memórias escritas e contadas por demais pessoas subalternizadas, socialmente excluídas, pois é uma escrita que se inicia por um caráter pessoal, mas que amplia seu sentido.

No esteio do entendimento sobre como e por meio de que temas emergentes essas *escrevivências* se desvelam nos poemas selecionados, construímos conceitualmente o que chamamos de *escrevivências de (auto)amor*, tomando por base também as narrativas (auto)biográficas das autoras escolhidas. No poema "FEMI", de Aqualtune, esse *conceito-forma* vai se constituindo em versos que (re)escrevem o amor recíproco entre pessoas negras como ato de (auto)reconhecimento existencial no mundo, de vivência e de afeto, contrapondo-se ao imaginário ra-

12 Disponível em: https://youtu.be/bzwGCFEkEf4. Acesso em: 5 fev. 2023.

cista de objetificação/ hipersexualização e animalização do corpo negro (Fanon, 2008).

Outro indício característico desse *conceito-forma* parece emergir na flexão do verbo *ser* no verso "que para além do tesão eu quero mesmo é;". Essa flexão verbal foge à construção sintática normativa, que pressuporia a utilização do verbo no modo infinitivo, chamando atenção a pausa que faz o ponto-e-vírgula na sequência. Essa forma escrita parece invocar o sentido de existir no mundo, apesar das denúncias, nos versos anteriores, das objetificações hipersexualizadas do corpo negro. Versos que vão desde "também já li que é dengo, coisa de preto, já que não nos é permitido viver de romancê com cara de europê" até "para além do tesão eu quero mesmo é" ilustram essa ideia. Essa invocação da existência negra reverbera a necessidade do afeto em contraposição a sua interdição/proibição, o que se confirma nos versos seguintes: "eu quero amar, também aceito dengar, tenho muita estima ao hábito de cuidar"; "ultrapassa o romântico, é compartilhamento de banzo e reconhecimento de ancestralidade".

Observamos ainda que a oposição ao sentido eurocêntrico em que a tradição literária ocidental se constitui – sobre o que é e como se estrutura/escreve/analisa poesia – revela-se nessa *escrevivência de (auto)amor* da autora, tanto pela temática, que é ce-

lebrativa, como pela forma, que (re)inventa e (res) significa não só o uso sintático, mas também de vocábulos (*romancê*, *europê*, *bantuguês*, *auê*, *dengar*, *banzo*), na "urgência de criar palavras próprias, retomar ancestrais" (Nascimento, 2019, p. 13). Nesse entendimento, a poesia de Aqualtune não só se encontra sob a égide do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, como também corrobora o pensamento de reconexão ancestral de Audre Lorde (2007), no que tange à poesia como narrativa de experiência vivida, especialmente sendo sua autoria negra, feminina e não heterossexual.

As teorizações e práticas de *escrevivências*, de resgate de ancestralidade e de poética política comentadas até aqui, no esteio das perspectivas literárias de Evaristo, Lorde e Clarke, parecem ser motivadoras para a produção das *escrevivências poéticas de (auto)amor* por autoras/es negras/os/es gênero/sexual-dissidentes. Suas experiências e identidades não hegemônicas manifestadas em poesia corroboram a crítica cultural de Lorde (2009) sobre a intersecção indissociável entre causas gays e negras ou lésbicas e negras – bem como de outras identidades sexuais ou expressões de gênero diversas.

Consideramos como fator relevante o uso desse viés teórico-interpretativo na literatura ante a percepção de que tem havido diversas produções não

canônicas publicadas por pessoas negras gênero/sexual dissidentes em meios ou plataformas múltiplas (*blogs*, *streaming* de vídeos, livros autorais ou de editoras independentes, lambe-lambe, zines etc.), o que sugere que a diagnosticada *invisibilidade* desses sujeitos no campo literário é muito mais um processo de *invizibilização* dessas obras (Nascimento, 2019).

O processo de *invizibilização* dessa potência criativa opera tanto pelo não reconhecimento da existência dessa produção como por seu enquadramento (leitura, crítica, intelecção) com base em uma moldura organizada, de um lado, pela mirada branca (a *white gaze* que Toni Morrison discute em entrevista de 1998[13]), e de outro pelo *dispositivo heterocisnormativo*[14]. Isso corrobora a assertiva de que vem "daí a tensão presente em textos de escritores e escritoras provenientes de outros segmentos sociais, que têm de se contrapor a essas representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua

13 A vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1993 explana, na entrevista, que existe um "white gaze", um olhar branco (ou uma lente branca) com que enxergamos o mundo, tomando por base valores branco-europeus; valores socialmente hegemônicos no Ocidente. Para a autora, essa visão domina a escrita de diversos escritores, mas, como escritora, ela busca constantemente não se pautar por esse olhar em suas obras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-Kgq3F8wbYA. Acesso em: 19 jan 2023.

14 Pode ser entendido como "um conjunto de mecanismos, sejam eles ditos ou não ditos, que engloba práticas culturais, sociais, históricas, jurídicas, instituições e discursos, que funcionando em função de uma estratégia de poder dominante, reforçam condutas heterossexuais e cisgêneras, considerando-as como normais, verdadeiras e saudáveis" (Camarano, 2020, p. 97).

própria construção" (Delcastagné, 2007, p. 18).

Trata-se, então, da leitura literária de textos políticos (*discursivos*, *panfletários*) ou a leitura política de textos literários? Dois caminhos que parecem conflitantes, mas que também convidam à experiência de um terceiro-lugar, ainda inominado, capaz de vislumbrar essa produção para além da caracterização subalternizante sob o signo da *literatura marginal* ou *de resistência* (ao racismo, às *lgbtfobias* e demais opressões sociais). Concordamos com nascimento (2018) quando afirma que essa classificação frequentemente desconsidera a tessitura literária ou mesmo ignora outros temas pulsantes nesses textos, além das denúncias, de forma que se torna necessária a oposição a estereótipos ou silenciamentos dessa representatividade nas artes em geral – e na literatura, em específico.

3 Escrevivências poéticas de (auto)amor como *cuírlombismo*

Um outro lugar para a autoria negra gênero/sexual-dissidente, em uma história de vida inscrita como *escrevivência poética de (auto)amor*, dialoga

com a conceituação de *queerlombismo*[15], neologismo criado pela poeta e ensaísta Tatiana Nascimento no poema *Marabô*, do seu livro *Lundu,* (2016). O termo também é brevemente citado na apresentação do livro *Afroqueer existência: dor luta amor*, do poeta Autor 1, como uma "conexão do pensamento de Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento com a dissidência sexual e de gênero na diáspora africana" (Silva, 2018, p. 11).

No livro *Cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor* (2019), nascimento discute e fundamenta o conceito de *Cuírlombismo* como um lugar de escrita literária de autoria negra fora dos parâmetros hegemônicos ocidentais de gênero/sexualidade impositivos a culturas ancestrais africanas, as quais não possuíam tais valores limitadores em suas vivências sociais *pré-atlânticas*. A crítica de Nascimento se direciona à construção das teorizações contemporâneas acerca do que seja literatura negra, as quais relegam seu lugar quase exclusivamente à evidência temática *cis-heterossexista*[16], da dor, da renúncia,

15 A autora apresentou o neologismo com esta grafia na primeira edição de *lundu,* (2016), mas depois a alterou para *cuíerlombismo*, na edição de 2017, o que tem a ver com a escrita decolonial e anti-imperialista sul-americanas, trazendo a forma e o conceito para grafias mais ligadas ao espanhol latino-americano e ao português brasileiro. Com a publicação de *cuírlombismo literário*, em 2019, nascimento parece aproximar mais ainda a grafia e fonologia desse neologismo à escrita e fala sul-americanas de palavras estrangeiras.

16 A primazia da heterossexualidade exercida por pessoas cisgêneras sobre dissidências sexuais ou de gênero, o que pode ser compreendido dentro do escopo teórico do *dispositivo da heterocisnormatividade* (Camarano, 2020) comentado anteriormente.

da escravidão, da resistência.

Para a pesquisadora, o caminho do C*uírlombismo literário* deveria ser tomado na contramão dessa via como:

> o remontar-se/recriar-se pelas palavras como um fazer mítico-político, reinvenção não apesar do silenciamento colonial *htcissexualizante* mas contra ele y [...] a partir de nossas próprias narrativas ancestrais, [...] reorganizando nossa própria história, narrativa, subjetividade desde a assunção da ancestralidade diaspórica sexual-dissidente. [...] lavrar resistência negra lgbtqi como exercício de liberdade, expansão do sentido tradicional de "resistência". refundar a noção de literatura negra, vista apenas como combativa, de denúncia do racismo, idealizada em modelos de "homem negro" e "mulher negra" *binário-htciscêntricos*. questionar esse jeito de fazer, ler, compreender literatura negra na qual dor, sofrimento, heroísmo, revolta, *heterociscenstralidade* seriam temas dominantes (Nascimento, 2019, p. 14-15, grifo nosso).

Ao continuar sua argumentação teórica no livro, Nascimento (2019) exemplifica e explana, em uma autoanálise acerca de sua escrita, sobre como essa (contra)conceituação pode ser textualmente percebida. Para a poeta, o contraste entre dois de seus textos e sua recepção pública expõem como a Mirada Branca *cis-heterossexista* limita à ótica predeterminada de expressões de dor/luta a perspectiva criativa negra gênero/sexual dissidente:

> o contraste na recepção de [...] 'cuíer A.P.' & 'diz/faço qualquer trabalho (y m/eu amor de volta todo dia)'[17]

17 A autora indica em seu livro os seguintes *links* para acessar os poemas citados: http://bit.ly.cuirAP ("cuíer A.P") e http://bit.ly/diz-faço ("Diz/faço qualquer trabalho, y m/eu amor de volta todo dia").

> aponta a internalização daquela mirada – e o racismo é, afinal, uma das primeiras pedagogias relacionais que aprendemos. o primeiro, pra/sobre "eles" (vocativo exaustivamente repetido), viralizou. mais que o segundo, pra/sobre "nós", como não só sobrevivemos, mas vivemos, voamos, não só contrariamos expectativas e estatísticas, mas reverenciamos a história vasta das nossas peles, sexos, afetos, nossa travessia, que tem um ponto, anterior à colonização y afrofuturista de existência – o axé. o apocalítico, o acusativo, é fraco de imagens e recursos fonéticos expressivos, um poema formalmente mediano (a despeito da potência do seu conteúdo). o segundo, mítico, é metafórico, explora sonoridades, passeia entre referências exuberantes, tem uma elaboração narrativa épica: é em conteúdo e forma deslumbrante, me parece o tipo de ebó de amor, cura, vitalidade que quero ofertar a quem acolhe minha palavra (Nascimento, 2019, p. 30).

Nesse trecho de seu relato, a autora também evidencia seus processos de escrita poética, o que considera relevante dentro de suas concepções, como transita de uma poesia cuja temática se preocupa mais com a denúncia/resistência para outra em que "reverenciamos a história vasta das nossas peles, sexos, afetos, nossa travessia". Sob o amparo das considerações e do relato (auto)biográfico de nascimento, propomos uma análise do poema *Diz/faço qualquer trabalho, y m/eu amor de volta todo dia* (Tab. 2), no intuito de não só ratificar e ilustrar uma *escrevivência poética de (auto)amor* presente no texto, como também inscrevê-la como produto do C*uírlombismo literário* proposto pela autora.

Dividimos o poema em duas grandes partes, sendo a primeira uma denúncia contra privilégios da branquitude ligados a raça/classe social, os quais

vão se revelando historicamente pela narrativa poética do texto em caminhos ancestrais de resistência aos resquícios racistas da escravidão. A segunda parte do poema invoca a ancestralidade negra para construir caminhos para além da dor e da denúncia iniciais, em um vislumbre de (auto)amor.

quizila contenção quebranto	chuta não	de quem?
força / camisa de força /	que eh macumba	os santos malditos
sexo à força	eh o quê? enfeite?	diriam
fórceps. ou	eh seita? aceite:	amém?
cesárea (sem-injeção)	neh enredo não	
interrupção a serviço do	neh folclore não	rindo por dentro
patrão	nem eh possessão,	fingindo
(pra filha dele tem	eh religião.	espanto? quebranto...
legalização)	uma ala no	quizila...
basta	sambódromo basta	Ifá, com você,
rdo	ria? tava bom pra	eu vim do mar
mar	catarse	do amar
pardo	do delírio coletivo?	gor eu podia saber de
(pra gente é)	eh primitivo? eh	cor
negação	feitiçaria?	a dor
disjunção	(cabia num capítulo	me chamar de errante
retenção no complexo de	da tua tese na	me ceder ao feitor
contenção	antropologia?)	eu podia ser só
quizila quebranto com	fantasia: carnaval	matéria turva
tensão	carniçal	memória podrejante
com	bambuzal	em rio-curva
pleição	urubuzal	mas mais:
cor:	filial da sucursal	sou carne crua
tição	do inferno colonial	línguafiada
ferrão	“eu vim	mente assentada
marcadura	porque me roubaram”	y pele... pele! agô,
queimadura	me venderam porque	minha Pele: tu, es-
pele borbulha	me compraram	cura
raça impura	me doeram	alimenta de um tanto
ferradura	dor... arran	minhas fundura...
mula. a cavalo dado não se	caram	quebranto... quizila?
olha	dor	banzo.
dentadura	mares de banzo	quelê / acalanto /
dentição	navegaram	roncó / irê:
dente-de-leite	dor	Orí forte >
ama-de-leite	me odiaram	plexo convexo >
amarelo-azeite	dó?	Ofá rumo:
azeite... dendezeiro...	chicotearam	sorte
deleite:	atearam fogo?	calmaria
farofa, ebó, padê!	também no terreiro	tecnologia ancestral
(tô falando de cocaína não	de iaiá.	y força
tá?)	sopra um vento, Oyá,	que
Laroyê,	que livrai-nos do mal	axé, princípio vital fim
midádicumê?	do	y meio,
	esquecimento	é força

Tab. 2 – poema “Diz/faço qualquer trabalho, y m/eu amor de volta todo dia”. (Nascimento, 2016, p. 42)

A denúncia de dor/injustiça social/enfrentamento antirracista se inicia no poema com a pala-

vra-verso *quizila*, originária dos povos bantos da região de Angola e Moçambique e adotada pelo Candomblé no Brasil, principalmente dentro da tradição *Angola*[18]. Essa palavra é usada para designar a interdição a certos hábitos, alimentos e vestimentas que iniciadas/os/es no culto aos *Nkises* (similares a Orixás, na tradição *Ketu*, e a *Voduns*, na tradição *Jeje*) devem cumprir. No poema, a palavra *quizila* parece significar o modo como os próprios candomblecistas também a utilizam, que é similar a *ranço*; que é para dizer que algo não fez/faz bem ao corpo, à mente, ao gosto.

Seguindo a análise do poema, podemos dizer que é *quizila* ver injustiças sociais acontecendo com base em raça e classe social, de maneira entrelaçadas, e vivenciá-las cotidianamente, em razão de um imaginário racista construído desde a época colonial. As referências de *quizila* às heranças racistas do estupro e da mestiçagem forçada vão sendo desveladas metaforicamente sobre questões sociais (e ancestrais) ao longo do poema: "quizila contenção quebranto forca / camisa de força / sexo à força"; "interrupção a serviço do patrão (pra filha dele tem legalização)"; "bastardo mar pardo (pra gente é) negação disjunção"; quizila quebranto com

18 O Candomblé como vertente religiosa afro-brasileira possui linhas de saber-fazer que se ligam a tradições linguísticas, ritualísticas, bem como a outras instâncias socioculturais advindas de grandes regiões do continente africano. Assim, *Ketu*, *Angola* e *Jeje* são chamadas "tradições" dentro do Candomblé e têm modos de operar ora similares, ora diferentes umas das outras.

tensão" / "cor: tição ferrão marcadura queimadura raça impura". A interdição a pessoas negras também emerge como tema nos versos e se confirma quando a poeta escreve "pra gente é", ponto a partir do qual a denúncia da privação do direito à humanidade por que passam essas pessoas vai se concretizando entre passado e presente.

Contra o racismo religioso ora explícito, ora disfarçado pela exotização de saberes negros ancestrais, versos como: "chuta não que eh macumba eh o quê? enfeite? eh seita? aceite: / eh religião"; "eh primitivo? Eh feitiçaria? (cabia num capítulo da tua tese na antropologia?)"; "dó? chicotearam atearam fogo? também no terreiro de iaiá" não só fazem a denúncia, como também costuram a resistência que vai dar base à construção de uma narrativa de (auto)amor na segunda parte do poema.

Nessa parte, a ênfase dada àquilo que é desvelado pela denúncia vai se transformando em retorno às narrativas ancestrais *pré-atlânticas* de *Ifá*; narrativas de força – o *axé*, tal qual nascimento escreve em seu relato: "[...] ebó de amor, cura, vitalidade que quero ofertar a quem acolhe minha palavra". Isso se evidencia nos versos iniciais e adiante: "sopra um vento, Oyá, que livrai-nos do mal do esquecimento"; "Ifá, com você, eu vim do mar do amar"; "mas mais: sou carne crua línguafiada mente assentada y pele..."; "agô, minha Pele: tu, es-cura".

Desse ponto em diante, a autora constrói perspectivas em direção ao vislumbre afrofuturista, que significa "ir um pouco mais atrás pra avançar um pouco mais", como recita na versão estendida do poema[19]; que significa *acuírlombar* sua escrita de autoria gênero/sexual dissidente. Essa percepção entra em consonância com aquela consciência ancestral para o exercício da escrita poética de existência e liberdade a que Audre Lorde (2007) se refere, o que parece se concretizar nos últimos versos do poema, os quais invocam referências ancestrais para um futuro positivo: "Ofá rumo: sorte calmaria tecnologia ancestral y força"; "que axé, princípio vital fim y meio, é força".

As conceituações e considerações literárias de Nascimento (2019) e de Lorde (2007) contribuem com a reflexão que temos construído sobre a produção poética de autoria negra gênero/sexual dissidente pautar-se em *escrevivências de (auto)amor*, por ser potência e agência criativa de si em completude; de cosmogonia; do espaço do inédito, do maravilhoso, do inimaginável; como direito ao devaneio (Nascimento, 2018). Com base nessa perspectiva, observamos ainda que emerge no trecho apesentado da narrativa (auto)biográfica de Tatiana Nascimento o caminho percorrido na construção do poema sob os princípios do *Cuírlombismo*

19 Ver nota de rodapé 15.

literário como "recontação/invenção de histórias negras ancestrais como saída à heterossexualização cisnormativa que discursos 'autorizados' do dominador/colonizador impõem à diáspora" (Nascimento, 2019, p. 5).

4 Encruzilhadas de inconclusões

Os extravasamentos estéticos/literários e/ou temáticos de obras literárias negras aparecem como necessidade de apreciação de seu estado da arte para além da consideração de seu viés ser deliberadamente político – de funcionar como escrita de resistência aos sistemas de opressão em seu teor e valor literário. Nesse amparo, o conceito construído de "escrevivências poéticas de (auto)amor" parece emergir como uma tendência da escrita poética negra gênero/sexual-dissidente capaz de extrapolar temáticas *cis-heterossexistas*; da dor; da renúncia; da denúncia; da escravidão; da luta – as quais usualmente caracterizam a chamada literatura negra.

Esse extrapolamento foi evidenciado nas análises dos poemas selecionados associados às narrativas (auto)biográficas das autoras, desvelando sentidos narrativos de existência interseccional negra e dissidente em gênero e/ou sexualidade com vida e criatividade; com vislumbre, constituindo *escrevivências poéticas* (re)contadas e (re)escritas.

Concordamos que é notório o valor identitário (individual e coletivo) nos textos poéticos estudados, o que parece impulsionar a leitura interpretativa desses textos a lugares mais profundos da/com a/sobre a escrita de si de suas/seus autoras/es, em processos históricos inclusive no âmbito linguístico, com seus neologismos e jeitos de escrita naquele *bantuguês* mencionado no poema "FEMI", de Aqualtune (2018), reverberação do conceito de *pretoguês* proposto pela pesquisadora e antropóloga negra Lélia Gonzalez (2020), e que tem a ver com nossas *escrevivências* e palavras-conceitos pretas *amefricanas* (Gonzalez, 2020) na diáspora que se apresentam em narrativas (auto)biográficas e na invenção de *escrevivências poéticas negras de (auto)amor gênero/sexual dissidentes*.

Essas breves considerações acerca da literatura de autoria negra dissidente em gênero e sexualidade são caminhos e encruzilhadas inconclusivas, mas que encontram norte em uma poética *negro-brasileira* como aventura "de uma criação *exuísica*, no sentido de abrir os caminhos [...] para além da denúncia, a possibilidade do novo em termos de relacionamento humano; para além do culto ao sofrimento, a possibilidade do prazer altruísta. Para além da distopia, a utopia (Cuti, 2019, p. 6, grifo nosso).

Que sejam caminhos para concretizar o pensa-

mento instigante de Lorde (2009) sobre a necessidade de ousarmos sonhar para transformar o silêncio em palavras e as palavras em ação no mundo.

REFERÊNCIAS

AQUALTUNE, Beatriz Fernandes. *Oju oiyn, okan iná*. Brasília: Padê Editorial, 2018.

BENISTE, José. *Òrun-Áiyè* – o encontro de dois mundos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAIRNS, Francis. *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Edmburg: Edmburg University Press, 1972.

CAMARANO, Pedro Anácio. *Arquegenealogia bajubeira:* uma análise de práticas de poder e resistência. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Catalão. Catalão, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufcat.edu.br/tede/handle/tede/10677. Acesso em: 18 jan. 2023.

CLARKE, Cheryl. *The days of good looks*: the prose and poetry of Cheryl Clarke, 1980 to 2005. Nova York: Da Capo Press, 2006.

CUTI (Luiz Silva). Tópicos de estética e de poética negro-brasileira. *In*: *BRASIL. ENCONTRO NACIONAL PENSAMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO*; 2019, Brasília. Anais. Brasília: Festival cara e cultura negra, 2019. p. 1-6.

DELCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje / PUCRS*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110/3112. Acesso em: 17 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Juliano. Vaga carne, ou, a paz veste branco. *Cinética cinema e crítica*, [*S.l.*], 2017. Disponível em: http://revistacinetica.com.br/nova/vaga-carne-ou-a-paz-veste-branco/. Acesso em: 19 jan. 2023

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RÍOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano*: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. Love as the practice of freedom. *In*: hooks, bell. *Outlaw Culture*: resisting representations. Nova York e Londres: Routledge, p. 243-250, 2006.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
LORDE, Audre. Poetry is not a luxury. *In*: LORDE, Audre. *Sister outsider*. Berkeley: Crossing Press, 2007, p. 36-39.
LORDE, Audre. *I am your sister*: collected and unpublished writings of Audre Lorde. Oxford: Oxford University Press, 2009.
MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.
NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu,*. Brasília: Padê Editorial, 2016. 2ª ed.
NASCIMENTO, Tatiana. O cuíerlombo da palavra (y da palavra queerlombo...) > poesia preta lgbtqi de denúncia da dor até direito ao devaneio. *In*: BARBOSA, Adriana de Fátima; SILVA, Susana Souto (Orgs.). *I ENCONTRO LER LITERATURA, ESTÉTICA E REVOLUÇÃO*; 2018, Brasília. Anais. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 7-23. Disponivel em: http://conferencias.unb.br/index.php/LRF/LFR1/paper/viewFile/12651/2189. Acesso em: 07 jan 2023.
NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo literário*: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
PEREIRA, Maria do Rosário A.; COUTINHO, Samara Mirian. Padê Editorial e Nega Lilu: representatividade feminina no mercado editorial independente. *In: Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 62, e621, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2316-4018621. Acesso em: 17 jan. 2023.
SILVA, Pedro Ivo. *Afroqueer existência*: dor luta amor. Brasília: Padê Editorial, 2018.